

V. CAPÁNAGA, *Agostinho de Hipona. Mestre da conversão cristã*, (BAC) Madrid 1974, 417-420

A quaresma

O ciclo litúrgico dos mistérios do Senhor significa para a Igreja uma consagração e santificação do tempo, totalmente oposto aos ciclos cósmicos da filosofia antiga¹. Contra o perpétuo rodar dos séculos sem esperança, que é como a roda sem fim da miséria, a Igreja introduziu a Páscoa, cujo fato central é a ressurreição do Senhor, e em esperança a ressurreição de todos os homens. Esta é a maior revolução da história, que já ordena e encabeça os tempos em Cristo dando-lhes um conteúdo espiritual que nunca tiveram os pagãos, nem tem o tempo entre os muçulmanos ou entre os hindus. Nosso tempo está pleno de Cristo, e por isso o chamamos cristão.

Situando-se, pois, Santo Agostinho no meio deste acontecimento cósmico, divide ou acolhe a divisão do tempo em dois segmentos: antes e depois da Páscoa. O primeiro é de tentação, luta e tristeza; o segundo, de triunfo e de alegria. «Este tempo de miséria e gemido nosso significa a quaresma antes da Páscoa, e os cinquenta dias posteriores dedicados ao louvor divino representam o tempo de alegria, do repouso na felicidade, da vida eterna, do reino sem fim que ainda não chegou.

Há, portanto, dois tempos; um, antes da ressurreição do Senhor; outro, depois da mesma; um, em que estamos agora; outro, em que esperamos estar. O tempo quaresmal, que é nosso tempo atual, é de tristeza. O aleluia Pascoal significa o tempo de alegria, do descanso e do reino que possuiremos. São freqüentes na Igreja os louvores de Deus -o canto do aleluia- para significar a vida de laudes incessantes do reino futuro.

A paixão do Senhor significa nosso tempo, no qual estamos. Os açoites, as ataduras, injúrias, cusparadas, coroa de espinhos, o vinho com fel, o vinagre na esponja, os insultos, os opróbrios e, finalmente, a cruz com o corpo pendente nela, que significam senão o tempo em que vivemos que é de tristeza, mortalidade, tentação? Por isso é um tempo feio... Tempo feio; mas, se o usamos bem, tempo fiel. Que coisa mais feia que um campo esterçado? Mais bonito estava antes de receber o esterco; mas foi esterçado para que desse fruto. A feiúra, pois, deste tempo é um sinal; seja ela para nós tempo de fertilidade»².

Ainda que todo o tempo cristão, enquanto vivemos neste mundo, tem um traço quaresmal no sentido mencionado, a quaresma cristã compreende um espaço limitado de dias para preparar-se à festa da Páscoa, que se celebrava com grande solenidade nos tempos do Bispo de Hipona: «Já chega o tempo solene que devo recomendar-vos a vossa caridade para que penseis mais seriamente sobre vossa alma

¹ Cf. V. CAPÁNAGA, *Los ciclos cósmicos en la «Ciudad de Dios»*: La Ciudad de Dios 2 (El Escorial 1956) 95-112.

² *Sermo* 254,5: PL 38,1184.

e sobre a penitência corporal. Porque estes são os quarenta dias sacratíssimos em todo o orbe da terra em que, ao acercar-se a Páscoa, o mundo todo, que Deus reconcilia consigo em Cristo, celebra com louvável devoção»³.

Este exórdio solene de um sermão quaresmal indica bem a seriedade com que a Igreja promovia a reconciliação dos cristãos com Deus. Pensamento central da quaresma era o mistério da redenção humana obrada por Cristo, e que devia ser atuada pelos cristãos com uma cooperação espiritual e corporal.

Na raiz mesma da espiritualidade quaresmal Santo Agostinho coloca a humildade: «Porque este tempo de humildade significado por estes dias é a mesma vida deste século, em que Cristo, nosso Senhor, que morreu uma vez por nós, de certo modo volta a padecer todos os anos com o retorno desta solenidade. Pois o que se realizou uma vez no tempo para que fosse renovada nossa vida, se celebra todos os anos para trazê-lo a nossa memória. Se, pois, durante todo o tempo de nossa peregrinação, vivendo em meio de tentações, devemos ser humildes de coração, quanto mais nestes dias, nos quais não somente desejamos viver o tempo de nossa humildade, porém também o celebramos? A humildade de Cristo nos ensinou a ser humildes, pois se entregou à morte pelos ímpios; a grandeza de Cristo nos engrandece, porque, ressuscitando, passou à frente da nossa piedade»⁴.

O cristão, pois, há de participar da paixão e ressurreição de Cristo. Pela humildade da paixão, à glória da ressurreição: eis o itinerário espiritual da quaresma cristã.

Por isso a cruz se ergue no meio deste tempo, não apenas como sinal de redenção, mas também como bandeira da milícia cristã: «E o cristão, durante toda esta vida entre tantas tentações, deve estar sempre cravado nesta cruz»⁵.

Qual é o programa espiritual deste tempo? O de uma mais copiosa refeição espiritual pela meditação da palavra de Deus, ou digamos das verdades eternas, e o da crucifixão ou mortificação corporal, significada, sobretudo, pelo jejum. Três tipos de penitência quaresmal nos oferece a Escritura em outras três personagens ou personagens fundamentais na história de nossa salvação: Moisés, Elias e Cristo. Eles nos ensinam que, «Tanto na Lei e nos Profetas como em Cristo, não temos de conformar-nos e apegar-nos a este mundo, mas crucificar o homem velho, não andando em comilanças e bebedeiras, nos prazeres carnis e impurezas, nem em discórdias nem invejas, mas que nos revistamos de Jesus Cristo, sem fazer caso das paixões do corpo (*Rom* 13,13-14). Viva sempre assim, oh cristão! Se não queres afogar-te na lama pegajosa, não desças desta cruz. E assim se deve viver, sobretudo neste tempo quaresmal, em espera da vida nova»⁶.

³ *Sermo* 209,1 (PL 38,1046): «Solemne tempus advenit, quando de anima attentius cogitanda et corpore castigando vestram commoneam charitatem».

⁴ *Sermo* 206,1: PL 38,1041.

⁵ *Sermo* 205,1 (PL 39,1039): «In hac quidem cruce, per totam istam vitam, quae in mediis tentationibus, dicitur, perpetuo debet pendere christianus». *Ibid.*: «Cruz ista non quadraginta dierum est, sed totius huius vitae». Cf. MA 1350; MAI 9.

⁶ *Sermo* 205,3: PL 38,1040.

A quaresma tem uma significação plena para a vida cristã: como renúncia aos desejos desordenados do mundo. É a mesma exigência batismal com sua abnegação das vaidades seculares: «Somos recomendados, em nossa conduta, enquanto vivemos neste mundo, a abster-nos das cobiças do mundo; isto indica o jejum deste tempo conhecido de todos com o nome de quaresma»⁷.

A ocupação deste tempo se resume na meditação da palavra de Deus, na penitência corporal, significada particularmente pelo jejum; nas obras de misericórdia. A Igreja recomenda mais oração para este tempo: «Durante estes dias dedicai-vos a mais frequentes e fervorosas orações»⁸. O fim é conseguir humildade e contrição dos pecados, ou o que Santo Agostinho chama de *in gemitu laborare*⁹. O gemido da oração reconhece duas causas: o sentimento dos pecados e a ausência da pátria durante a peregrinação¹⁰. Refletir sobre a miséria do pecado e da ausência de Deus e dos grandes bens que esperamos na vida futura dá à quaresma seu selo de austeridade.

Por isso a memória da paixão de Cristo constitui todo este programa, porque o aniversário da comemoração dos trabalhos de Cristo na paixão nos recorda a condição temporal da existência cristã, sujeita a tantas tentações, e nos confirma na esperança do perdão.

Santo Agostinho dá também uma grande importância ao exercício das obras de misericórdia, e dedica um sermão quaresmal ao perdão das ofensas¹¹. A pessoa dominada pelo ódio é um cárcere tenebroso para si mesmo; seu coração é sua prisão¹². Motivado por estes pensamentos comenta as palavras de São João: *Aquele que não ama a seu irmão está nas trevas*¹³. Este exercício é necessário para os cristãos durante sua vida, mas na quaresma é quando se deve purificar o coração, e Santo Agostinho não se cansa de repetir que é um dos exercícios quaresmais que mais devem ter-se em conta:

«Atenção todos, homens e mulheres, pequenos e grandes, leigos e clérigos; e eu também me dirijo a mim mesmo. Ouçamos todos, temamos todos. Se temos alguma falta contra os irmãos, façamos o que o Pai nos manda, e que será também nosso juiz; peçamos perdão a todos, aos que talvez temos ofendido e prejudicado com nossas faltas»¹⁴. O exercício do perdão mútuo era muito necessário na diocese de Hipona, porque os africanos eram vingativos.

⁷ *Sermo* 270,3: PL 38,1240.

⁸ *Sermo* 205,2: PL 38,1040.

⁹ *Sermo* 210,4 (PL 38,20491): «In gemitu orationis e, castigatione corpus humiliat ex fide non ficta».

¹⁰ *Sermo* 210,5: PL 38,1050.

¹¹ *Sermo* 211: PL 38,1054-58. Cf. *Sermo* 208,2: PL 38,1045; *Sermo* 209,1: PL 38,1046..

¹² *Sermo* 211,2 (PL 38,1055): «Noli illum putare sine carcere esse; carcer eius cor eius est».

¹³ *In Io.* 3, 15.

¹⁴ *Sermo* 211,5: PL 38,1056.

Já se sabe também que o jejum corporal era prática universal da Igreja, com privação de coisas lícitas e ilícitas: «Castiguemos nosso corpo e submetemo-lo à servidão; e, a fim de que as paixões rebeldes não nos arrastem a coisas ilícitas, para dominá-las privemo-nos também de coisas lícitas»¹⁵.

Mas o que se subtrai ao corpo deve distribuir-se aos necessitados, porque o jejum não aproveita ao que o guarda sem a prática da misericórdia¹⁶. Constantemente, o Santo une as três coisas: jejuns, orações e esmolas, como meio de preparar-se para a Páscoa: «É preciso dar esmola, jejuar e orar para vencer as tentações do mundo, as insídias do diabo, os trabalhos da vida, as sugestões da carne, as turbulências temporais e toda classe de adversidade corporal e espiritual»¹⁷.

Toda esta ascética quaresmal é própria de todo tempo; por isso Santo Agostinho associa a quaresma à peregrinação humana, que avança neste mundo entre contradições, fadigas e combates que só acabarão com o descanso da Páscoa.

¹⁵ *Sermo* 207,2: PL 38,1043.

¹⁶ *Sermo* 207,1 (PL 38,1043): «Quia ieiunium sine misericordia ci nihil est qui ieiunat».

¹⁷ *Sermo* 207,1: PL 38,1042.